

superior e se dedicam por anos para aprimorar a formação, mas o cargo ocupado nem sempre está à altura do investimento realizado”, afirma Isabela.

Novos caminhos

Lyssa Brandão, 30 anos, foi uma das pessoas a passar por essa experiência. Atualmente, ela trabalha como maquiadora, mesmo sendo formada em direito. “Meu sonho era cursar psicologia, mas minha família não me apoiava, diziam que eu iria ‘morrer de fome’. Então, decidi cursar direito para garantir uma melhor inserção no mercado de trabalho”, compartilha.

Porém, as expectativas não foram cumpridas. “Eu me formei em 2016 e em 2018 passei na OAB e fiquei animada para advogar, mas encontrei dificuldades porque eram muitos requisitos necessários como pós-graduação e experiência de anos na área. A maioria dos escritórios de advocacia não querem dar a primeira oportunidade e eu não consegui fazer estágio na época da faculdade, pois precisava de um emprego CLT.”

Assim, Lyssa optou por seguir novos caminhos. “Sempre gostei de maquiagem e me maquiava bem, então minhas amigas me incentivavam a gravar vídeos e atender clientes. Quando chegou a pandemia, eu, que trabalho como terceirizada, passei muito tempo livre, então decidi me arriscar como maquiadora. Me sinto mais feliz e agora estou seguindo o sonho de cursar psicologia”, conta.

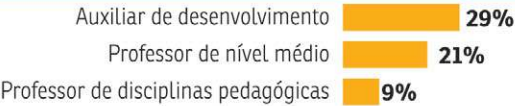
Contatos

Patrick Leal, 29, também passou por uma situação parecida. “Me formei em biomedicina na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2018. Eu escolhi o curso porque me interessava pela área e pretendia reutilizar algumas matérias posteriormente para cursar medicina. Depois que me formei, acabei não conseguindo emprego na área nem tempo para outro curso. Na minha opinião, conseguir se empregar em biomedicina é quase impossível. Aqui em Brasília, você só consegue se tiver contatos”, explica. “Após um tempo, eu desanimei, percebi que se não corresse atrás de outra coisa não ia conseguir me sustentar, então fiz entrevista para ser auxiliar administrativo em uma empresa do ParkShopping e fui contratado. Estou aqui há dez meses”, completa.

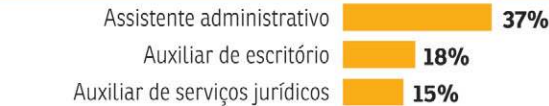
Cargos com maior volume de contratação por curso

Apenas 12% dos egressos das universidades conseguiram ingressar em cargos de nível superior

PEDAGOGIA



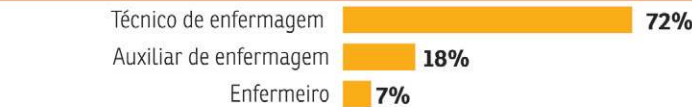
DIREITO



ADMINISTRAÇÃO



ENFERMAGEM



CONTABILIDADE

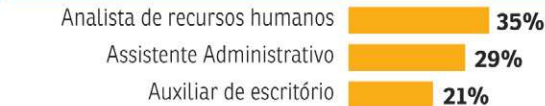


Fonte: Cortex

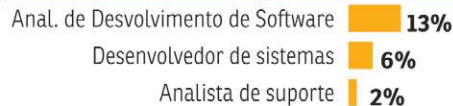
Arquivo pessoal



PSICOLOGIA



SISTEMAS DE INFORMAÇÃO



EDUCAÇÃO FÍSICA



MEDICINA



GESTÃO DE PESSOAS



Ricardo Aparecido, 44, considera a falta de experiência na área a maior dificuldade para entrar no mercado

Recolocação

Ricardo Aparecido, 44, que atualmente trabalha como motorista de aplicativo, também enfrenta dificuldades e já está fora do mercado de sua área de formação há quase sete anos. “Me formei primeiro em desenho industrial, em 2005, mas não consegui trabalhar na área, então comecei a cursar publicidade e propaganda e me formei em 2008. Nessa área, também enfrentei dificuldades e consegui trabalhar apenas como estagiário, freelancer e PJ por alguns meses. Para tentar me recolocar no mercado, resolvi fazer uma terceira graduação em gestão comercial, mas também não consegui atuar. Acredito que a maior dificuldade para entrar no mercado de trabalho é a falta de experiência na área”, comenta.

De acordo com Maria Andreia Lameiras, da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a qualidade do ensino superior no Brasil deixa a desejar quando o assunto é experiência prática. “Muitas pessoas têm o diploma, mas não possuem o conhecimento necessário. Ao se candidatar a uma vaga, os empregadores frequentemente identificam que, apesar do diploma, o candidato não possui os requisitos necessários para a vaga”.

O head da empresa Networkme, Luciano Cacace, afirma que existe uma distância entre a formação universitária e as demandas do mercado de trabalho. “As universidades seguem um currículo imposto pelo MEC, que possui elementos valiosos, mas não acompanha as mudanças rápidas do mercado. As empresas valorizam muito mais as habilidades comportamentais e individuais do que a formação formal das instituições”, esclarece.

*Estagiária sob supervisão de Marina Rodrigues